

# Dicionário Amoroso da Psicanálise



## **Transmissão da Psicanálise**

diretor: Marco Antonio Coutinho Jorge

Elisabeth Roudinesco

# Dicionário Amoroso da Psicanálise

Tradução:  
André Telles

Revisão técnica:  
Marco Antonio Coutinho Jorge  
*Programa de Pós-graduação  
em Psicanálise/Uerj*



# A Pierre Bergé

Título original:  
*Dictionnaire amoureux de la psychanalyse*

Tradução autorizada da primeira edição francesa,  
publicada em 2017 por Plon/Seuil, Paris, França

Copyright © 2017, Éditions Plon

Copyright da edição brasileira © 2019:  
Jorge Zahar Editor Ltda.  
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ  
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787  
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.  
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo  
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

A editora não se responsabiliza por links ou sites aqui indicados, nem pode garantir que eles  
continuarão ativos e/ou adequados, salvo os que forem propriedade da Zahar.

INSTITUT  
FRANÇAIS  
BRASIL



“Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d’Aide à la Publication année  
2019 Carlos Drummond de Andrade de l’Institut Français du Brésil, bénéficie  
du soutien du Ministère de l’Europe et des Affaires étrangères.”

“Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação ano 2019  
Carlos Drummond de Andrade do Instituto Francês do Brasil, contou com  
o apoio do Ministério francês da Europa e das Relações Exteriores.”

Revisão: Carolina Sampaio, Tamara Sender | Indexação: Gabriella Russano  
Capa: Estúdio Insólito | Imagem da capa: © Robert Brook/Getty Images

CIP-Brasil. Catalogação na publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

R765d Roudinesco, Elisabeth, 1944-  
Dicionário amoroso da psicanálise/Elisabeth Roudinesco; tradução André Telles. –  
1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

(Transmissão da Psicanálise)

Tradução de: Dictionnaire amoureux de la psychanalyse  
Inclui índice  
ISBN 978-85-378-1846-6

1. Psicanálise – Dicionários. I. Telles, André. II. Título. III. Série.

19-58079

CDD: 150.19503  
CDU: 159.964.2

---

Leandra Felix da Cruz – Bibliotecária – CRB-7/6135

# Sumário

Introdução, 7

## Verbetes, 11

Amor • Angústia • Animais • Antígona • Apócrifos & boatos • Autoanálise • Bardamu, Ferdinand • Beirute • Berlim • Bonaparte, Napoleão • Budapeste • Buenos Aires • *Carta roubada, A* • Celebridade • *Che vuoi?* • Cidade do México • Cidades • Cidades brasileiras • *Consciência de Zeno, A* • Cronenberg, David • Cuernavaca • Descartes, René • Desconstrução • Desejo • Dinheiro • Divã • Édipo • Eros • Espelho • Família • Fantasia • Felicidade • Frankfurt • Gershwin, George • Göttingen • Green, Julien • Guerra • Hamlet branco, Hamlet negro • Hipnose • *His Majesty the Baby* • Hitler, Adolf • Hollywood • Holmes, Sherlock • Humor • Incesto • Infância • Injúrias, exageros & calúnias • Jesuítas • Leonardo da Vinci • Livros • Londres • Loucura • Máximas de Jacques Lacan • Monroe, Marilyn • Mulheres • Narciso • Nova York • Orgonon • *Origem do mundo, A* • Paris • Presidentes americanos • Princesa selvagem • Psicanálise • Psicoterapia • Psicoterapia institucional • Psique/Psiquê • Psiquiatria • Psiquiatria dinâmica • Rebeldes • Resistência • Roma • Romance familiar • Roth, Philip • Salpêtrière • São Petersburgo • *Schibboleth* • Sedução • *Segundo sexo, O* • Sexo, gênero & transgêneros • Sonho • Terra Prometida • Topeka • *Último índio, O* • Viena • *W ou a Memória de Infância* • Washington • Wolinski, Georges • Worcester • Zurique

*Índice onomástico, 348*

## Introdução

SEMPRE AMEI OS DICIONÁRIOS. Eles encerram um saber que é como um mistério permanente. Cada vez que abro um dicionário, sei que vou encontrar algo novo, uma coisa secreta na qual não havia pensado, histórias, palavras, nomes, figuras de linguagem. Um dicionário é um vasto lugar de memória, um relato em forma de labirinto, um inventário errante, uma lista em expansão. Quando publiquei, com Michel Plon, um volumoso *Dicionário de psicanálise* (1997), reeditado várias vezes, não imaginava que um dia retomaria a tarefa, sobretudo porque dezenas de dicionários da psicanálise já haviam sido publicados desde o primeiro do gênero, em 1938, data da partida de Freud para Londres. Sessenta anos mais tarde, o nosso dicionário incluía, pela primeira vez, os conceitos, os países de implantação, as grandes correntes, as técnicas de cura, os atores da história, a historiografia e as principais obras de Freud.

Também precisei de muito tempo antes de mergulhar nesta bela aventura amorosa orquestrada por Jean-Claude Simoën.\* Temor da repetição, medo de estar tão impregnada pelas antigas listas que já não conseguiria desprender-me delas ou sei lá mais o quê.

Era preciso abandonar meu terreno acadêmico para dar livre curso a encadeamentos inéditos. O leitor não encontrará aqui, portanto, conceitos, atores ou países, mas sim temas, palavras, ficções e territórios reunidos de modo arbitrário, citações e remissões a outros dicionários amorosos, assim como um índice onomástico. Algo como uma aventura do imaginário urdida no correr da pena, uma vagabundagem em primeira pessoa,

---

\* Criador da coleção Dictionnaire Amoureux para a editora francesa Plon. (N.T.)

um percurso sem destino, entradas postergadas ou inesperadas, atalhos traiçoeiros a serem lidos ordenada ou desordenadamente.

Para o *Dicionário amoroso da psicanálise*, adotei o estilo intuitivo das lições de coisas – classificar, refletir, distinguir, nomear –, visando a esclarecer o leitor sobre a maneira como a psicanálise alimentou-se de literatura, cinema, teatro, viagens e mitologias para transformar-se numa cultura universal. Atravessei cidades e museus, encontrei personagens, poemas, romances que me são familiares ou que aprecio em particular. De “Amor” a “Zurique”, passando por “Animais”, “Ferdinand Bardamu”, “Buenos Aires”, “A consciência de Zeno”, “O segundo sexo”, “Sherlock Holmes”, “Hollywood”, “Göttingen”, “jesuítas”, “A carta roubada”, “Marilyn Monroe”, “Nova York”, “Paris”, “Psiquê”, “Leonardo da Vinci”, “*W ou a Memória da infância*”, temos aqui uma lista de experiências e de palavras que permitem traçar a história e a geografia dessa saga do espírito em permanente metamorfose.

A psicanálise é uma das aventuras mais fortes do século XX, um novo messianismo nascido em Viena entre 1895 e 1900, no coração da monarquia austro-húngara. Foi inventada por judeus da Haskalá, reunidos em torno de Sigmund Freud. Todos estavam em busca de uma nova Terra Prometida: o inconsciente, a clínica das neuroses e da loucura. Fenômeno urbano, a psicanálise é uma revolução do íntimo, sem nação nem fronteiras, herdeira ao mesmo tempo das Luzes – alemãs e francesas – e do romantismo, baseada na atualização dos grandes mitos greco-romanos. Globalizada desde o nascimento, ela se adaptou tanto ao jacobinismo francês, ao liberalismo inglês e ao individualismo norte-americano, quanto ao multiculturalismo latino-americano e ao familismo japonês.

A esse respeito, cabe a pergunta: existiria ainda uma comunidade psicanalítica ligada a um relato único das origens? Sim, na medida em que, de um lado a outro do planeta, os psicanalistas se reconhecem entre si – positiva ou negativamente – reivindicando o nome de Freud e reunindo-se em associações internacionais; não, pois todos sabem que essa comunidade é composta atualmente por um extraordinário mosaico de grupos que não se relacionam localmente, mas referem-se, cada um deles, a uma corrente internacionalizada. Nos vários países, os psicanalistas se detestam entre si,

e cada grupo pretende encarnar o supereu freudiano em detrimento dos outros. Consequentemente, presos a essa ilusão, na maior parte do tempo os membros dos grupos ignoram que a cultura psicanalítica só existe porque é plural, e que para compreendê-la é necessário desembaraçar-se da ideia de que uma escola seria superior a outra. A historiadora que sou aprecia essa atomização. Não há, a meu ver, nada mais apaixonante que passear transversalmente, a cada viagem, pelo coração dos diferentes idiomas da psicanálise, tentando decifrar seus códigos, costumes, relatos singulares, que remetem muitas vezes a um universo fantástico.

A psicanálise transformou-se num dos maiores componentes da cultura popular, política e midiática do mundo contemporâneo: imprensa sensacionalista, quadrinhos, caricaturas, séries televisivas etc., hoje ela está presente em toda parte nos textos de editorialistas e colunistas, a tal ponto que seu vocabulário – lapso, inconsciente, divã, paranoia, perversão, supereu, narcisismo etc. – está incorporado em todas as formas de discurso.

Em sua versão original, sempre ativa, a psicanálise anuncia que o homem, mesmo determinado por seu destino, pode libertar-se de suas correntes pulsionais graças à exploração de si mesmo, de seus sonhos e de suas fantasias. Uma nova medicina da alma? Claro, mas também um desafio ao mundo da racionalidade. Essa estranha disciplina foi ferozmente atacada tanto por fanáticos religiosos quanto por regimes totalitários ou por cientistas desvairados, desejosos de reduzir o homem a uma soma de circunvoluções cerebrais. Mas ela também foi tristemente desfigurada por seus adeptos, que por vezes contribuíram para rebaixá-la a jargões. Quanto a Freud, hoje reconhecido como um dos grandes pensadores do século XX, foi tão injuriado quanto Marx, Darwin e Einstein.

É por essa viagem que tento levar o leitor deste dicionário: uma viagem ao coração de um lago desconhecido situado além do espelho da consciência.

# A

## Amor

*Contra um único instante de amor...*

Começar a redação deste *Dicionário amoroso* por um verbete dedicado ao amor parece uma obviedade, uma vez que Freud colocou o amor no centro da experiência psicanalítica, associando-o a angústia, Eros, incesto, libido, paixão, psique, desejo, transferência, sexualidade, pulsão, Narciso, Édipo, perversão. Nesse aspecto, este primeiro verbete remete a todos os outros, sem exceção, dado que a psicanálise também é, como terapia e filosofia da alma, uma exploração de si que, a princípio, permite ao sujeito compreender o que pertence à esfera da relação com o outro, portanto, o amor, e portanto, também, o desamor e o ódio [*haine*], o “amódio” [*hainamoration*], segundo o famoso neologismo de Jacques Lacan: amor dos amantes acompanhado de ciúme e desejo de matar, amor e rivalidade dos filhos pelos pais e vice-versa, amor conjugal, amor dessexualizado, amor fraterno, amor devorador, amor criminoso, amor perverso, amor delirante pelo sexo etc. Várias oposições entram em jogo no amor: amar e ser amado, amar sem ser amado, amar e odiar, amar e ser odiado etc. Em suma, a questão é tão vasta quanto a palavra que a designa.

Contudo, embora tenha feito do amor o objeto de uma ciência, ao mesmo tempo afirmando, como bom darwiniano, que o princípio cristão de amar ao próximo como a si mesmo ia de encontro à natureza assassina do ser humano, Freud também foi um homem amoroso na mais pura tradição do romantismo alemão, não obstante herdeiro de um puritanismo vitoriano que ele não cessava de criticar. Freud nasceu num mundo em

que as mulheres, espremidas em seus espartilhos, mantinham seus corpos à distância do olhar dos homens, o que, por consequência, as tornava desejáveis, como se sua fala velada, sempre atormentada, sempre objeto de recalçamento, não pudesse se exprimir senão através do grito. Beleza convulsiva da histeria encarnada na mulher, segundo André Breton e Louis Aragon, poetas do surrealismo. Neurose sexual inteiramente tecida por causas genitais, dizia o neurologista Jean-Martin Charcot por ocasião de suas demonstrações no hospício da Salpêtrière.

Nesse mundo, os homens usavam barba e os adolescentes, frustrados em sua aspiração libidinal, deviam assemelhar-se a seus pais e respeitar a virgindade das jovens, por sua vez neuróticas à força de serem educadas ao mesmo tempo no horror e na exibição do sexo. Em suma, eles eram obrigados a separar sua vida sexual de sua vida amorosa, recorrendo a prostíbulos ou mulheres casadas: “A geração atual mal tem noção da incrível extensão da prostituição na Europa até a Primeira Guerra Mundial”, escreve Stefan Zweig em *O mundo de ontem* (1940). “A mercadoria feminina era oferecida a céu aberto a qualquer preço e a qualquer hora, e um homem comprava uma mulher por um quarto de hora, uma hora ou uma noite com tão pouco dinheiro e esforço quanto ele adquiria um maço de cigarros ou um jornal. ... E era a mesma cidade, a mesma sociedade, a mesma moral que se indignava quando as jovens andavam de bicicleta, que declarava ser uma profanação da dignidade da ciência quando Freud constatava, de seu jeito sereno, calmo e penetrante, as verdades que não queriam reconhecer. O mesmo mundo que defendia pateticamente a pureza da mulher tolerava esse comércio vil de mulheres que se vendiam, organizava-o e até lucrava com ele.”

Freud sempre julgou o amor de uma mãe essencial a um filho e teve muita dificuldade para imaginar que pudesse ser de outra forma. Adorado por sua jovem mãe, Amalia Nathansohn, que o chamava de “meu Sigi de ouro” (*mein goldener Sigi*), teve com ela uma relação privilegiada. Foi em decorrência desse convívio que elaborou sua teoria do complexo de Édipo, de tal forma ficara perturbado, aos quatro anos de idade, diante de sua nudez, quando a entrevira numa toaleta íntima durante uma viagem.

Consciente do amor que Amalia lhe dedicava, Freud gostava de declarar que, “quando se foi o favorito de sua mãe, conservamos pela vida afora um sentimento conquistador, essa segurança do sucesso que não raro traz o sucesso embutido em si”. E ele foi a prova viva do que afirmava, uma vez que esse amor lhe deu coragem não só para enfrentar a adversidade como para adotar a respeito da morte a atitude de aceitação típica dos que se sentem imortais porque souberam fazer o luto do primeiro objeto de amor: a mãe amante. A mãe, ou seu substituto, seja ele qual for, seria assim o protótipo de todas as relações amorosas posteriores.

Nascida no âmago de uma sociedade burguesa assombrada pelos tormentos da alma e do corpo, a psicanálise atribuiu-se como tarefa desvendar os segredos do amor que subsistiam soterrados nos jardins do sonho.

“Minha querida, minha doce mulher, minha princesinha, meu tesouro, meu coração, minha bem-amada Martine, meu querido amor”: são estas as palavras da língua cotidiana que florescem na correspondência de Freud com Martha Bernays, sua noiva de Hamburgo, da qual se viu afastado anos a fio, até que ela se tornasse sua esposa, depois a mãe de seus filhos e, por fim, sua “boa velha”, uma vez passado o roubo da atração física. Após anos de sofrimento e privação, vieram a felicidade e a satisfação, depois a expectativa levando à sublimação, sob o risco do tédio e da decepção.

“Por que não nos apaixonamos todos os meses novamente?”, ele escreve em 29 de agosto de 1883. “Porque a cada separação uma parte de nosso coração ficaria dilacerado.” O amor, para perpetuar-se, supõe então a possibilidade de fazer o luto do objeto amado e, logo, de sofrer em seguida para amar novamente. Toda a literatura romanesca trata dos sofrimentos ligados ao amor, à perda, ao ciúme, ao impossível, à culpa, desde *A princesa de Clèves* até *Um amor de Swann*, passando por *Madame Bovary*, sem esquecer Lancelot ou Tristão, amantes culpados de mulheres culpadas, condenados ao desassossego, à loucura e à renúncia à vida sexual: “Sou louco por estar apaixonado, não por poder dizê-lo”, dizia Roland Barthes (*Fragments de um discurso amoroso*, 1977).

Mas o amor, segundo Freud, é também o amor pela viagem, o amor pela natureza, as paisagens e os animais e, por que não, o amor por um

grande missivista escrevendo estas palavras à sua mulher em setembro de 1900, quando se prepara para visitar o sul da Itália: “Por que, então, deixamos este lugar idealmente belo, sossegado e rico em cogumelos? Simplesmente porque ... nosso coração tende para o Sul, para os figos, as castanhas, o louro, os ciprestes, as casas ornamentadas com sacadas, os antiquários e assim por diante.” O amor aqui confunde-se com a alegria.

Na história da psicanálise, assim como na história da humanidade, o amor aparenta-se igualmente ao sacrifício, ao heroísmo e à melancolia. Amar é ao mesmo tempo viver e desejar morrer. Este é o “puro amor”, aquele que votamos à pátria, a um ideal, a Deus, à Mulher sublimada segundo as regras do amor cortês: um amor impossível, impensável, incondicional e inegociável, que não supõe nenhum objeto, nenhuma outra recompensa senão a da perda de todo gozo: “Há em mim tamanho desejo por ti”, dizia um poeta sufi, “que se a pedra tivesse de suportá-lo racharia como se por um fogo violento. O amor se insinuou nos meus membros tão intimamente quanto na alma a fala interior. Não posso suspirar sem que estejas no ar que exalo e não vivas em cada um de meus sentidos. Meus olhos são incapazes de se fechar sem que te encontres entre a retina e as pálpebras.”

Adepta da *Lebensphilosophie* (filosofia da vida e do elã vital), Lou Andreas-Salomé achava as mulheres mais livres do que os homens na relação amorosa, pois eram capazes, dizia, de entregar-se por inteiro no ato sexual sem qualquer vergonha. Mas Lou também acrescentava que a paixão física se esgota uma vez saciado o desejo. Por conseguinte, só o amor intelectual é capaz de resistir ao tempo. Num opúsculo de 1910, ela comentava um dos grandes temas da literatura – de Emma Bovary a Anna Karenina –, segundo o qual a divisão entre loucura amorosa e quietude conjugal deve ser plenamente vivida. Lou pôs em prática esse preceito em sua própria vida (*Minha vida*, 2009).

É a Louis Althusser, filósofo marxista inteiramente impregnado da conceitualidade freudiana, que devemos uma explosiva correspondência amorosa em que se misturam tratamento analítico, melancolia, paixão delirante e amor místico. Em 1960, aos 42 anos de idade, o filósofo se apaixona por Franca Madonia, uma intelectual italiana. E em suas cartas –

nas quais descobrimos tanto o relato de suas sessões de análise com René Diatkine quanto a elaboração de uma reforma do marxismo; a descrição tanto de seus episódios depressivos quanto de suas múltiplas interações, que o levarão a um desvario definitivo – ele encena uma espécie de loucura do amor louco: “Franca, negra, noite, fogo, bela e feia, paixão e razão extremas, desmesurada e sensata ... Meu amor, estou exaurido de te amar, as pernas bambas esta noite a ponto de não conseguir mais andar – e, não obstante, o que fiz hoje a não ser pensar em ti, perseguir-te e amar-te? ... Marcha infinita para esgotar o espaço que abres para mim ... digo isso, meu amor, digo o que é verdade – mas digo-o também para combater o desejo por ti, por tua presença, o desejo de ver-te, falar-te, tocar-te ... Se te escrevo, é também por isso, compreendeste bem: a escrita, de certa maneira, torna presente, é uma luta contra a ausência” (9 set 1961).

Em diversas oportunidades, notei que o nome de Freud surge sempre de maneira inopinada – como um Supereu – nas mais célebres cartas de amor da segunda metade do século XX, e não só sob a pena dos missivistas mais conscientemente freudianos. Por exemplo, numa carta de 16 de julho de 1970, François Mitterrand confessa a Anne Pingeot que muitas vezes desejou lhe fazer um filho: “Há no amor que me une a você um absoluto, um terrível, definitivo. Amo-a de um modo que você não pode saber. Vai me julgar mais cruel do que sou: muitas vezes pensei muito em lhe fazer um filho. Freud teria ficado satisfeito com a transferência! Pelo menos, eu teria criado um ser que seria você” (*Lettres à Anne*, 2016).

Discípulo preferido de Freud, Sandor Ferenczi foi o clínico mais sutil da história da psicanálise. E sua longa correspondência com Freud – três volumes que se estendem de 1908 a 1933 – é um documento antológico, em que se misturam amor, estima, crítica, contínua inventividade, testemunhos sobre a vida cotidiana em Viena e Budapeste.

Apaixonado por sua amante, Gizella Pálos, Ferenczi não hesita em analisá-la. Pouco depois, faz o mesmo com a filha dela, Elma, por quem se apaixonou. Dando-se conta da situação delicada em que se envolveu, ele, o grande técnico da relação transferencial – necessária a toda prática analítica –, pede a Freud para intervir. O mestre de Viena aceita-o então em

seu divã para algumas sessões, e analisa também Elma. E obriga Ferenczi a desistir da filha para esposar a mãe.

Se por um lado Ferenczi teve a sensação de ser despojado de suas paixões por um pai autoritário, por outro aceitou ser “normalizado”, para sua maior felicidade. Ferenczi foi o primeiro a pensar a questão da relação arcaica com a mãe, a teorizar a ambiguidade e o ódio ligados ao amor e a apontar que, se impomos aos filhos mais amor ou um amor diferente do que eles desejam, isso pode gerar as mesmas consequências que a privação de amor. Ferenczi era um apaixonado pela psicanálise. Amava-a como quem ama a mãe ou deseja uma mulher. Pelo amor à psicanálise, mais do que pelo amor a Freud, ele a praticava além do que era razoável e dedicava a seus pacientes uma espécie de devoção, procurando incessantemente explorar novas técnicas para o tratamento. Foi assim que criou a noção de “técnica ativa”, que consistia em intervir no tratamento com gestos de ternura e empatia. Chegou inclusive a afirmar que o analista podia manifestar sua ternura por intermédio de beijos.

Ferenczi confundia então amor e transferência, o processo constitutivo do tratamento psicanalítico pelo qual os desejos inconscientes reportam-se ao terapeuta. E compreende-se por quê. Com efeito, foi preciso muito tempo para que o movimento freudiano cessasse de misturar as duas coisas. Era frequente, no começo do século XX, confundir a transferência com o amor de transferência. “Como você é sublime”, “Como você é bonito”, “Como você se parece com a minha mãe, meu pai, meu tio, meu ideal”, eis os termos com que um paciente testemunha o amor que dedica a seu analista, o qual representa sempre outro personagem.

Preocupado em conservar o amor de Ferenczi, com ele Freud se colocava sempre no terreno do bom senso e do amor paterno. Numa carta de 13 de dezembro de 1931, ele detona a técnica do “beijo”, afirmando ser impossível proporcionar tais satisfações eróticas aos analisandos: “Imagine qual será a consequência da publicação de sua técnica. Não há revolucionário que não seja superado por um mais radical ainda ... Virão aqueles mais atrevidos que darão o passo suplementar até mostrar e olhar e logo teremos incluído na análise todo o repertório da semivirgindade e dos

‘*petting-parties*’.” E acrescentou: “Como você gosta de desempenhar o papel de mãe carinhosa para com os outros ... cumpre então que ouça, pela voz brutal do pai, a advertência ... de que a tendência aos pequenos jogos sexuais com as pacientes não lhe era alheia nos tempos pré-analíticos.”

Mas o amor de transferência é também o ódio disfarçado num verdadeiro bestiário: “Vi em sonho um sapo semelhante à minha mãe e ao meu analista; e depois segui um crocodilo que tinha uma vagina que se transformava numa figura humana: uma espécie de ciclope”, e depois “o ciclope se metamorfoseava em rato, em percevejo, em tatu-bola”. E ainda: “Sou como Gregor Samsa, o inseto monstruoso da *Metamorfose* de Kafka, recebo os insultos de minha família. Luto contra a infame vassoura que quer me eliminar. Amo aqueles que me fazem sofrer e me odeiam.”

Logo, existe um amor monstruoso, um amor impelido pelo ódio, um amor ao próprio ódio, o dos ciumentos, assassinos, antissemitas, racistas, mas também o de Narciso carrasco de si mesmo.

Diferentemente de Freud, e como inúmeras mulheres psicanalistas, Melanie Klein, psicanalista inglesa de origem vienense, eslovaca e polonesa, teve uma infância difícil. Desamparada pelo pai, indesejada pela mãe tirânica e possessiva, transformou de ponta a ponta a doutrina freudiana do amor, enfatizando, como seu mestre Ferenczi, a relação arcaica da criança com a mãe, mostrando que todo sujeito é habitado por uma espécie de ódio primitivo pelo objeto amado. Ligou o amor à inveja, ao terror, à angústia, à gratidão e à idealização. Explorou igualmente todas as facetas de um território fantasístico do amor e do ódio, povoado por bons e maus objetos que, ao longo da vida, o sujeito procura ora destruir ou danificar, ora fetichizar, como num quadro de Max Ernst.

Jacques Lacan, personagem transgressivo e libertino, era marcado pela leitura das obras de Sade, por seu contato com Georges Bataille e pelo ensino de seu mestre em psiquiatria Gaëtan Gatian de Clérambault, fetichista de tecidos e clínico dos delírios passionais. E, assim como em 1932 defendera sua tese de medicina sobre a história de uma mulher louca acometida de erotomania, Marguerite Anzieu, a quem deu a alcunha de Aimée, da mesma forma, a vida inteira, amou a loucura feminina e as figuras cristãs do êxtase.

Apaixonado laico pela Igreja católica romana, Lacan era fascinado pelo *Êxtase de santa Teresa*, de Bernini, e por Hadewijch de Antuérpia, ardorosa mística do século XIII, que se dirigia a Deus nos seguintes termos: “Como é doce a habitação do amado no amado, e como eles se penetram de tal maneira que um não sabe mais se distinguir do outro. Esse gozo é comum e recíproco, boca com boca, coração com coração, corpo com corpo, alma com alma.” E Lacan deduzia disso que o amor supre a ausência da relação sexual.

Os místicos, aliás, inventaram não apenas um discurso como práticas eróticas: “A oração é um coito com a presença divina”, dizia o rabino Israel Baal Shem Tov, fundador do judaísmo hassídico no século XVII. Do judaísmo ao islã, passando pelo cristianismo e o hinduísmo, numerosos são os relatos de êxtases que mostram que fazer amor com Deus é diluir-se nele a fim de poder gozar do horror de si mesmo. Em suma, trata-se, no caso desses loucos de Deus, de uma pulsão destruidora em estado puro.

A vida de Catarina de Siena, santa cristã canonizada em 1461, é a ilustração disso. Revoltada com sua família, recusa desde jovem os atributos da feminilidade. Mutila-se, pratica o jejum e sente prazer em ser desfigurada pela varíola. Após ingressar na vida religiosa junto às irmãs da Penitência de Saint-Dominique, cultiva êxtases e mortificações até se convencer de que Jesus a tomou como amante: “Uma vez que por amor a mim renunciaste a todos os prazeres”, ele teria lhe dito, “resolvi esposar-te na fé e celebrar solenemente minhas núpcias contigo.” Jesus lhe dá um anel invisível, ela suga suas feridas e come o pus dos seios de uma cancerosa.

Desde a juventude, o maior místico indiano do século XIX, o bengali Ramakrishna, tem experiências extáticas que lhe proporcionam prazeres indizíveis. Adorador da terrível deusa Kali, que carrega em seu peito uma guirlanda de crânios e cuja língua vermelha projeta-se para fora da boca, ele é recrutado como sacerdote e mete na cabeça que irá seduzi-la. Nada o contém, nem mesmo os múltiplos braços daquela amante sonhada que se agitam a cada transe frenético despejando imprecações mortíferas sobre o universo. Quando finalmente julga poder enlaçá-la, sente-se transportado para um oceano de ondas ofuscantes: “Ele reconheceu então, sem saber, a

irrupção das ondas do orgasmo diante da deusa mais hedionda do panteão hindu” (Catherine Clément, *Faire l'amour avec Dieu*, 2017).

Ao amor que dispensava às místicas e à arte barroca, Lacan acrescentava uma atração pela homossexualidade grega, o que o levava a olhar toda forma de amor como um ato perverso, a ponto de julgá-lo uma captação inesgotável do desejo do outro: “O amor é dar o que não se tem a alguém que não o quer”, ou ainda: “Peço-te que recuses o que ofereço porque não é isso.” E para mostrar claramente que o desejo perverso caracteriza tanto a homossexualidade quanto a heterossexualidade, Lacan comentava assim a obra de Marcel Proust: “Lembrem-se da prodigiosa análise da homossexualidade que se desenvolve em Proust no mito de Albertine. Pouco importa que esse personagem seja feminino, a estrutura da relação é eminentemente homossexual.”

Em 1960, em seu célebre comentário do banquete de Platão (*O Seminário*, livro 8, *A transferência*), Lacan não hesitou em comparar o lugar atribuído à homossexualidade na Grécia ao ocupado pelo amor cortês na sociedade medieval. Um e outro, segundo ele, teriam adquirido uma função de sublimação, permitindo perpetuar o ideal de um mestre no seio de uma sociedade incessantemente ameaçada pelas devastações da neurose. Em outras palavras, dizia Lacan, o amor cortês coloca a mulher numa posição equivalente à posição que o amor homossexual grego atribui ao mestre. Consequentemente, o desejo perverso, presente nessas duas formas de amor, é designado por Lacan como favorável à arte, à criação, à invenção de novas formas do laço social e, por fim, à possibilidade da transferência no tratamento que supõe, para que um sujeito exista, uma relação de amor entre um mestre e um discípulo, entre um analista e um analisando. Contudo, uma vez que o amor é desejo, ele também se funda na falta: os objetos do amor são o que não temos, aquilo que nos falta. Lacan, aqui também, inspira-se em Sócrates.

Logo, em sua força primordial, e seja qual for seu objeto, o amor é um ato incondicional, um ato de liberdade.

Em certos aspectos, a psicanálise reativa os dois grandes mitos do imaginário amoroso: o mito socrático, segundo o qual o amor engendra

o discurso amoroso, e o mito romântico, que permite transformar uma paixão em obra literária. De um lado *O banquete* de Platão, do outro, o *Werther* de Goethe. A que se acrescentam o amor melancólico – quando a perda e o luto são impossíveis – e o amor místico.

*Ver:* Angústia. Animais. Antígona. Budapeste. Desejo. Eros. Família. Fantasia. Göttingen. Infância. Jesuítas. Loucura. Máximas de Jacques Lacan. Mulheres. Narciso. Psique/Psiquê. Roma. Salpêtrière. São Petersburgo. Sexo, gênero & transgêneros. Terra Prometida. Viena. Wolinski, Georges.

## Angústia

*Deliciosa vertigem*

Ao contrário do pavor, que é um estado suscitado por um perigo que não esperamos, e do medo, que diz respeito a uma situação esperada ou a fantasias e rumores, a angústia é sempre existencial e às vezes despótica, sem ser obrigatoriamente patológica como a fobia, cujo sintoma é o terror face a alguma coisa (objeto, sujeito, situação) que não oferece nenhum perigo real.

A angústia é não só universal como ontológica. Nenhum ser humano está livre dela, salvo se perder sua humanidade, ainda que saibamos que os animais podem experimentar estados de pânico face à iminência de um perigo real. Mas também sabemos que o pânico instintivo não tem palavras para se exprimir, ao contrário da angústia.

A questão da angústia, como a do amor, é central na doutrina psicanalítica. Até porque diz respeito às noções de sujeito e de existência singular, faz com que só um ser livre possa de fato ter tal experiência. Como apontava Søren Kierkegaard, a angústia é uma vertigem do possível e só é sentida quando o sujeito é obrigado a fazer uma escolha que abala o conjunto de sua existência a ponto de fazê-lo perceber o nada, o túmulo, a passagem da vida à morte. A angústia também pode ser associada à melancolia, à influência do *spleen* sobre a psique, ao desejo de uma extinção da alma... Insuportável angústia!